

Diversão & Arte



Paul Mescal
estrela o filme
de Ridley Scott

Fotos: Paramount Pictures

Entre DUELOS e

» RICARDO DAEHN

Um orçamento de US\$ 290 milhões, um icônico diretor de cinema de 86 anos, Ridley Scott, que respondeu por filmes como *Alien* e *Blade Runner*, agora traz a sequência de um estrondoso sucesso, vencedor de cinco Oscar e que, em 2000, lucrara US\$ 450 milhões. As credenciais são de *Gladiator II*, que volta à ambientação da Roma Antiga, a fim de revelar o destino do personagem Lucius (que também atende por Hanno), 16 anos depois da morte do heróico protagonista Maximus (personagem que rendeu ao neozelandês Russell Crowe o Oscar de melhor ator). Boas interpretações como as vistas em *Gladiator II*, em filmes de Scott, nem chegam a ser novidade — basta lembrar que ele revelou ao mundo talentos como os de Sigourney Weaver (*Alien*) e Brad Pitt (*Thelma & Louise*).

“Alerta e ativo”, Lucius, personagem movido por espírito de vingança, dá uma chance de acesso do ator irlandês Paul Mescal, aos 28 anos, para o sistema de astros e estrelas de Hollywood. Lembrado pela série *Normal People* e pela indicação ao Oscar por *Aftersun*, Paul Mescal intrigou o diretor do filme pela semelhança com o viril astro das antigas Richard Harris, do faroeste *Um homem chamado cavalo*. Numa era de crucificação de ladrões e cristãos, o protagonista de *Gladiator II* sai da vida estabilizada na Numídia (situada no norte africano) e se vê em choque com ideais de dois imperadores romanos enlouquecidos chamados Caracalla e Geta. Lucius adentra um universo violento, como escravo de Macrinus (Denzel Washington), no qual enfrentará, entre outros, o general Marcus Acacius (Pedro Pascal).

Nos bastidores de *Gladiator II*, Ridley Scott optou por Mescal depois de uma videochamada de 30 minutos. “Acho que Scott age por instinto, dentro e fora do set, e estou muito feliz que seja assim”, revelou Mescal à imprensa estrangeira. Ao jornal inglês *The Independent*, Mescal sentenciou, dada a especulação quanto ao seu novo status

DUELOS

VENCEDORA DO
OSCAR DE
MELHOR FILME,
HÁ 24 ANOS, COM
GLADIADOR, A
JORNADA DE UM
HOMEM EM
BUSCA DE
VINGANÇA
GANHA
IMPERDÍVEL
CONTINUAÇÃO
PELAS MÃOS DO
DIRETOR RIDLEY
SCOTT

tudo ainda redimensionado pelo aprimoramento de cenas pelo emprego de tecnologia de ponta.

Atriz que revive Lucilla (personagem filha do imperador Marco Aurélio), Connie Nielsen antecipou ao *Entertainment Weekly* o teor de impacto: “Você pode imaginar o que Ridley faz tão bem, que é a mistura do real, antigo tipo de artesanato cinematográfico — cenários reais, pessoas reais, tudo real e ainda a tecnologia bastante extraordinária, com a soma de novas ferramentas das quais Ridley já tem domínio”. Para a superprodução, em que tudo vem a ser monumental, o diretor inglês — nunca premiado com o Oscar de direção (mas que tira onda com o título de cavaleiro do Império Britânico) — contou que, visualmente, buscou inspiração na pintura histórica do francês Jean-Léon Gérôme, atuante no século 19.

Disputa pelo poder

Com o domínio da Pérsia e da Índia a caminho, os poderosos em Roma,

NONA FOLHA

no filme, dão as caras: para além de Caracalla (Fred Hechinger) e Geta (Joseph Quinn), há o dúbio general Acacius (Pascal) e Macrinus (Washington), que almeja posto de cônsul, no filme em que, literalmente, cabeças vão rolar. Na trajetória daqueles que “pregam a destruição que chamam de paz”, como sublinha Lucius, não faltam discursos grandiloquentes e as empolgantes cenas de ação insufladas por Ridley Scott, desde a primeira incursão em longas, com *Os duelistas*, que, em 1977, rendeu para ele o prêmio de estreado, por unanimidade, no Festival de Cannes.

Numa escalada, aos poucos, as lutas entre humanos como o brutalizado Viggo e aquelas movidas pela precisão da mira de peritos arqueiros, dão lugar ao embaite, na arena do Coliseu, com feras assustadoras, como as que cercam o assombroso humano Glyco, que empunha armas bastante brutais. Na trama que une espadas, galés, esperança, rinocerontes, macacos violentos, fortalezas, atos de misericórdia e um público de plebeus sedento de sangue no Coliseu, prevalece o valor da expressão latina “Vae victis”, uma sinalização que lamenta o destino dos derrotados.

